

DRAMATURGIAS EMERGENTES

VOLUME UM

Antes dos Lagartos, Pedro Eiras
Arte da Guerra, Fernando Moreira
Balancé, Ângela Marks
Dorme Devagar, João Tuna
O Espantalho Teso, Jorge Loureiro Figueira

5

cadernos **Dramat**

3,00 €

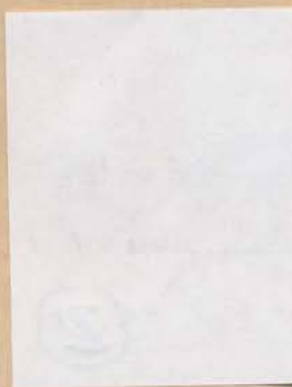
JAZZ

REVISTA DE CRÍTICA DE ARTE





MC
Ministério da Cultura



DRAMATURGIAS EMERGENTES I

ANTES DOS LAGARTOS

ARTE DA GUERRA

BALANCÉ

DORME DEVAGAR

O ESPANTALHO TESO

DRAMATURGIAS EMERGENTES II

FAROL

OS NOMES QUE FALTAM

O PARQUE DOS PIQUENIQUES

STORMY WEATHER

O VIOLINO DO AVÔ AFRICANO

Antes dos Lagartos

Pedro Eiras

Arte da Guerra

Fernando Moreira

Balancé

Ângela Marks

Dorme Devagar

João Tuna

O Espantalho Teso

Jorge Louraço Figueira

Centro de Dramaturgias Contemporâneas – Porto

Livros Cotovia – Lisboa

Antes dos Tempos
Rebeldes

Antes da Guerra
Ferozmente

Baladas
Nas Ruínas

Homem Devoto
João José

O Espantalho 1950
João José

Título: *Dramaturgias Emergentes I*
© Autores e Edições Cotovia, Lda., Lisboa 2001

ISBN 972-795-016-7

Índice

Advertência Preliminar, <i>Antônio Mercado</i>	p. 7
Antes dos Lagartos, <i>Pedro Eiras</i>	11
Arte da Guerra, <i>Fernando Moreira</i>	59
Balancé, <i>Ângela Marks</i>	115
Dorme Devagar, <i>João Tuna</i>	163
O Espantalho Teso, <i>Jorge Loureiro Figueira</i>	193

Advertência Preliminar

Para que o leitor possa avaliar adequadamente as peças reunidas nestes volumes (números 5 e 6 dos Cadernos Dramat), convém mencionar o contexto em que foram criadas. Em Outubro de 1999, o DRAMAT — Centro de Dramaturgias Contemporâneas do Teatro Nacional de São João deu início, no Teatro Rivoli do Porto, a uma oficina de escrita teatral destinada a um pequeno grupo de autores iniciantes. Alguns deles eram muito jovens, outros nem tanto; alguns estavam ligados ao meio teatral, outros à academia, à docência ou à investigação científica em áreas diversas; poucos eram os que tinham uma ou outra peça encenada ou publicada, muitos os que sonhavam tê-las, ou que as mantinham guardadas nas gavetas.

A generosidade com que o DRAMAT apostou na formação de novos autores de teatro em Portugal encontra sólido apoio na doutrina e na crítica, que tradicionalmente atribuem à dramaturgia um papel de relevo na complexidade do fenómeno teatral. Alain Defrange chega mesmo a afirmar que

No teatro não há revolução, nem mesmo verdadeira mudança, senão ao nível das obras. Nunca uma inovação de ordem cénica, por mais válida que seja, transforma verdadeiramente a arte dramática; no melhor dos casos, ela participa numa perturbação em cuja origem está a obra escrita, e só ela. Não obstante o que penseem hoje em dia numerosos encenadores, não existem grandes datas na história do teatro a não ser as da aparição das grandes obras.

(*Théâtre Populaire*, 51)

Mas nesta época em que o palco parece bastar-se a si mesmo e a “autoria” ganha novos contornos, o texto dramático — com as suas personagens, situações, atmosferas e ritmos — será ainda capaz de oferecer estímulos válidos para o trabalho do encenador e dos actores? O primado da encenação não terá tornado anacrónica aquela exaltação à força seminal da dramaturgia? Poderemos buscar nos textos um ímpeto renovador da linguagem cénica? Haverá ainda na ficção dramática algum secreto poder que nos instigue a expandir os horizontes da significação, a desvendar relações inexploradas, a percorrer insuspeitos desvãos da experiência individual e colectiva? O que têm a dizer, sobre tudo isto, os novos autores de teatro em Portugal?

Em parte, foi para tentar esclarecer algumas destas questões que o DRAMAT investiu na sua Oficina de Escrita. Se alguma resposta havia, seriam os novos autores a encontrá-la — e para isso precisavam de tempo. A oficina, originalmente concebida para durar seis meses, acabou por estender-se por mais dois. O trabalho foi organizado em sucessivos módulos presenciais, no intervalo dos quais os autores escreviam e reescreviam gradualmente as suas peças, comunicando-se entre si e com o orientador por via postal ou pela Internet.

BALANCÉ

ÂNGELA MARKS

PERSONAGENS

ALZIRA Veste sempre de preto, parecendo usar sempre a mesma roupa. Tem um xaile grande, com fios prateados, que ora usa nas costas, ora nas pernas. Tem sempre um dedal no dedo. Alterna um comportamento lúcido e inteligente com fases de catatonismo, alucinações e delírio. Despreza as filhas e revela sentimentos contraditórios face ao marido que culpa de a impedir de ter filhos machos e por isso ter assassinado o único que tinha nascido, depois de dois nados-mortos.

BERTA Filha mais velha de Alzira, frequentou a Faculdade, mas não prosseguiu os estudos porque decidiu dedicar-se ao acompanhamento da mãe, depois de ter sido abandonada pelo namorado que a trocou pela sua irmã mais nova. Vive obcecada pela hipótese de sofrer da mesma doença da mãe, o que a faz sofrer uma evolução paranóide, juntamente com o delírio de uma vida futura com o seu cunhado, que lhe parece facilitada com a morte do pai. Mantém algumas amizades do tempo da Faculdade, o gosto pela leitura, pela música e por cinema, tudo enquadrado numa geração de que se orgulha de fazer parte. Veste sempre calças, camisetes e camisolas.

LÚCIA Dois anos mais nova do que Berta, casou com o namorado da irmã, tem dois filhos jovens (o que é motivo para um ódio feroz da mãe). O casamento permitiu-lhe uma ascensão social a um mundo de negócios a que o marido estava ligado e comporta-se como uma mulher ágil no meio que frequenta, assumindo-se como mulher e mãe. As amizades são aquelas que decorrem da vida social e são superficiais, notando-se um sentimento de solidão pela impossibilidade de confessar os seus problemas. Quando o marido deu um desfalque na empresa ela manteve-se ao seu lado. Veste-se sempre de uma forma clássica.

(Sala grande que serve de sala de estar e que tem alguns vestígios de um atelier de alfaiate. Nas paredes vêem-se alguns quadros e fotografias emolduradas. Ao centro, uma mesa de camilha, com duas cadeiras, e à esquerda um cadeirão de baloiço. Ao fundo um armário com uma coleção de dedais, uma mesa com o telefone. Do lado direito uma porta que dá para um corredor da casa.)

Cena I

Abre o pano.

ALZIRA (*Sentada no cadeirão, vestida de preto, baloiçando levemente, a olhar na direcção de uma fotografia, mas distraída. Ouve-se algum barulho que vem da cozinha. Depois de algum silêncio.*) Ainda demora muito esse chá?

BERTA (*Fora de cena.*) Estou a preparar o tabuleiro...

Silêncio. Berta entra passado pouco tempo. Traz um tabuleiro com um bule, uma chávena e um prato com bolachas de água e sal. Pousa o tabuleiro em cima da mesa e dirige-se para o balcão de alfiate.

ALZIRA (*Levanta-se e senta-se à mesa.*) Que pastilha é essa?

BERTA (*Começa a mexer atabalhoadamente nas coisas.*) A do costume.

ALZIRA O que procuras?

BERTA Deve haver por aqui um maço de tabaco.

ALZIRA Vai ao quiosque comprar dos teus.

BERTA Nem pense que vou deixá-la sozinha, logo agora! (*Encontra os cigarros e acende um, notando-se um ligeiro tremor nas mãos.*)

ALZIRA Logo agora...?

BERTA Como se sente?

ALZIRA Sentindo, sentando, sedere, sentire...

BERTA Ainda bem que a senhora tem boas recordações...

ALZIRA E más também, não me faltam.

BERTA Não vale a pena pensar nisso agora.

ALZIRA Não vale a pena... o teu pai também pensa assim: nada vale a pena se a alma não é pequena. Alminhas pequeninas...

Silêncio pesado, desconfortável.

BERTA (*A medo.*) Ainda ontem... (*Pausa.*) A que horas quer jantar?

ALZIRA Vamos brincar ao faz-de-conta. O jantar... Pois bem, quero um cozido à portuguesa.

BERTA Cozido...! Faz-lhe mal!

ALZIRA O que é que ainda pode fazer-me mal, a esta altura da vida, Berta? Não achas que já estou bem treinada?

BERTA Mas... (*Pausa*) não tenho morcela...

ALZIRA Ah! Bom, isso é grave! Adoro morcela. O supermercado deve estar aberto. Vai fazer a vontade à tua mãezinha, meu amor. Aproveitas e compras os teus cigarros. Senão como é que vais ler depois do jantar?...

BERTA Ó mãe!... também não tenho chouriço. Faz-lhe mal à tensão!

ALZIRA Eu prometo-te que fico atenta.

BERTA O papá nunca conseguiu entender esse seu humor.

ALZIRA Quem diz que não entendia?... (*Silêncio pesado.*) O teu pai, ele... (*Pára de baloiçar com o cadeirão. Toma o chá já morno, de uma só vez, engole a pastilha e come uma bolacha.*) Ele é que tinha razão! Mulher doente, mulher para sempre. Nunca precisou de um médico, nem dentista e olha como foi num instante! Caiu que nem um tordo!

BERTA Fala de uma maneira!...

ALZIRA De uma maneira que tu não tens coragem, e não o suportavas. Enquanto eu... Era meu marido, foi durante quase cinquenta anos e fui eu quem o escolheu e ele a mim. Para o bem e para o mal. Não é assim que se diz?

Silêncio.

BERTA Posso preparar-lhe um cozido só com a carne e o frango. Umas batatas, cenouras, couve,...

ALZIRA Boa dieta para uma recém-viúva! Ainda há vinho, ao menos?

BERTA Só um pouco.

ALZIRA É o que de melhor me resta do... dele. O bom vinho, os jantares, a ópera... Agora tu e a tua irmã... (*Olha, melancólica, para o retrato de uma criança.*)

BERTA Não seja injusta, mãe! A Lúcia adorava o pai. E vice-versa. Parece que é importante que seja assim... Pai e filha...

ALZIRA Um HOMEM na nossa vida é ... tu não chegaste a saber o que é.

BERTA Adiante...

ALZIRA O que tens tu contra a tua irmã?

BERTA Mãe!!! Então eu... Julguei que...

ALZIRA Julga menos.

BERTA Fiquei em casa para cuidar de si!...

ALZIRA Nunca te pedi nada.

BERTA Mas a mãe sabe que o pai e a Lúcia queriam interná-la a todo o custo... Desculpe... Não vamos falar dessas coisas.

ALZIRA "Essas coisas." Já reparaste que falas como eles?

Berta remexe compulsivamente em tudo e começa a rodar o metro, fazendo o barulho de um metrónomo.

ALZIRA PÁRA! *(Levanta-se e arranca o metro das mãos da filha. Começa a acariciá-lo, vai junto da fotografia emoldurada e simula desenhar os contornos de uma criança.)*

BERTA São sete menos um quarto.

ALZIRA *(Voltando para o cadeirão.)* Menos um quarto, mais um quarto... é tudo uma questão de espaço... Passou depressa o tempo! Ainda ontem éramos dois, agora sou uma... mãe das filhas... A que horas chegámos?

BERTA Deviam ser umas seis. Saímos de lá às cinco e meia.

ALZIRA É. Faz sentido. Meia hora para chegar a casa, porque hoje é sábado.

BERTA Porque hoje é sábado! Vou preparar o nosso jantar. Porque hoje é Sábado. *(Sai declamando Vinícius.)*

"Todos os namorados estão de mãos entrelaçadas
 Todos os maridos estão funcionando regularmente
 Todas as mulheres estão atentas
 Porque hoje é sábado."

ALZIRA *(Olhando fixamente um ponto do tecto, acima da fotografia.)* Não! Fica aqui!